

## O homem objetivado e vazio

*“Nada que vou falar aqui visa objetivo. Essa é uma coleção de reflexões que o dia-a-dia me propõem sobre sua seqüência de ocorrências de dia-a-dias que chamamos de vida. Alias, reflexão é uma palavra estranha sobre a qual vou tentar dizer algo também.”*

Em algum ponto da história (não vejo necessidade em dizer *humana* pois somos os únicos animais conscientes da existência de algo que se possa chamar história) alcançamos um ponto sem volta, daqueles tipos que passam a ser comentados prefixados pelas palavras *Antes* e *Depois*. Sim, sei que temos muitos desses pontos, mas aquele a que me refiro é o em que nos tornamos seres objetivados a posse.

Acordamos como membros de uma sociedade com o objetivo não natural, criado pelo desejo de viver e reforçado pela vontade de fazê-lo de maneira cada vez *melhor* segundo o como se define *a melhor maneira* a cada uma das décadas ou períodos de história que conseguimos nomear.

Fato que nesse tempo nomeado **agora**(que nos pertence) o desejo de viver esta ligado a *moeda*, a *posse* e a *identidade do sucesso*. E o reforço vem pela vontade projetada pelo *outro* como espelho. Num jogo de reflexos de inesgotáveis superfícies planas como representação fraca, mas única, de toda a complexidade do espaço em três dimensões, que depois eu gostaria de expandir com algumas anotações.

O viver o é *agora* uma função de transformação da vontade em posse. Em busca de uma imagem refletida que seja melhor que a imagem refletida pelo outro. Candidata de imediato e enquanto não superada, a *identidade do sucesso*.

Esse paradigma é a base sobre a qual quero construir a tese de que esse ponto de virada chamado *vontade de posse* é a pedra angular da morte do ser-humano como o conhecemos e do seu relacionamento consigo para o nascimento do ter-humano em seu relacionamento com o *outro*.

No período que vou chamar de *Antes da vontade de posse* o ser humano encontrava uma *identidade do sucesso* menos rasa. A profundidade era dada muito pela interpretação de sucesso que o indivíduo tinha, acima até da interpretação de sucesso que outro indivíduo sempre tinha. *O sucesso, essa medida cuja escala é variável de indivíduo para indivíduo*. Nesse período havia um espaço real na vida em sociedade para *sucessos de diferentes tipos*.

Já no período que chamarei de *Momento da vontade de posse* nós vemos uma identidade de sucesso que martiriza o ser em busca do olhar do outro. Relativizamos nossa própria identidade de sucesso para aceder ao que o outro compreende como

sucesso. E o *outro*, diferente do *eu*, é múltiplo e por isso multiplicam-se os olhos da aceitação e da reprovação.

É mais fácil não se aceitar enquanto sujeito a não aceitação do outro na medida em que a identidade de sucesso é projetada por ele(s). E é também mais fácil não compreender a identidade de sucesso que, projetada pelo *outro*, pode não conter valores que sejam compreendidos pelo *eu*. É mais fácil se imaginar um fracassado quando a certeza do sucesso vem de fora.

Eu ainda me pergunto como será o período nomeado de *Depois da vontade de posse* e acho que esta é uma reflexão posterior cujo espaço não é ser este, mas um outro, voltado completamente a ele.

Aqui então, abro espaço para as reflexões provenientes desse exercício de nomeação dos tempos e vontades. E também ao termo reflexão, segundo o dicionário Aurélio:

1. *Ato ou efeito de refletir(-se).*
2. *Volta da consciencia, do espirito, sobre si mesmo, para exame de seu proprio conteudo.*
3. *Ponderação, observação.*

Com indivíduos refletimos de duas maneiras. Uma interna, que provém do *eu* que, que refletindo como fenômeno dentro de *eu* incessantemente *como um raio de luz aprisionado dentro de um cubo de espelhos* que ricocheteia nas faces do cubo(o *eu*) e se avoluma ocupando todo o espaço de dentro possível. E uma outra, a reflexão externa, que reflete o *outro* e os *outros*, incessantemente criando um espaço que chamamos de sociedade.

No *momento da vontade de posse* a reflexão interna perde valor pela priorização da reflexão externa. O *eu* fica perdido, esvaziado pelo olhar externo.

Tanto tempo fica perdido nesses estímulos externos que a angustia gera uma ansia de encontrar-se. Dificultada pelo distanciamento da prática da reflexão interna, que não combina com a *identidade de sucesso* do *momento da vontade de posse*.

Eis que a objetivação da vontade de posse é a posse em si e a identidade de sucesso requer que a posse possar ser refletida.

O possuir a si resultante da reflexão interna não reflete aos olhos dos outros na mesma medida e escala que usamos internamente. O possuir **precisa ser material** para ser refletido de maneira visível e mensurável pela escala do outro, a mais importante.

Abandonado a este dilema o ser-humano se perde e se torna o *ter-humano*.

A relativização das coisas nascida desse dilema vai então esvaziando o ser-humano na medida que requer a exteriorização do fenômeno da identidade do sucesso.

Os seres se tornam “terres” na busca por uma aceitação que se agrava pela metódica negação dessa relação pelos meios possíveis de comunicação.

O ser-humano se esvazia por buscar ter ao invés de ser. Eis a marca do *momento da vontade de posse*.

As belezas já não são as marcas da *identidade do sucesso*. São no *agora* as bengalas que suportam os corpos enquanto buscam durante a vida, a *identidade do sucesso* que o outro projeta.

Já não há espaço para o fazer ou não fazer que não se converta em uma nova posse visível aos olhos do outro.

Enterramos assim o belo, o prazeroso, o imensurável e o *único*, todos dentro do cubo de espelhos do *eu*. E uma atrofia desse cubo pelo não uso ocorre. Atendendo as expectativas sociais que esperam que a posse seja comunicada e que todo o mais seja guardado num exercício de não gerar ruído na comunicação da atual *identidade de sucesso*.

Uma busca de modelos/exemplos é realizada para embasar esse funeral dos seres-humanos. E através do festejos desse nascimento se comemora o *ter-humano*.

O hábito do tratamento dos efeitos se dissemina e se facilita. Na ânsia de esconder a causa, a saber, esse apequenamento do ser num cubo de espelhos cada vez mais restritivo.

Os párias são os que lutam contra esse apequenamento. Enquanto a sociedade defende o *ter* como **sinônimo** do *ser*, esses defendem a **antonímia**.

E vão se tornando cada vez mais marginais as artes que resultam no belo ou corrompem seu objetivo na tentativa de um belo mensurável e rentável. Novamente a antonímia a que me referi a pouco.

De fato, o problema não é a precificação das coisas, requisito natural para o modelo econômico predominante(cuja validade não discuto aqui), mas a priorização da **precificação de tudo**.

A *identidade de sucesso* que precifica todo ato engaja todo *eu* na busca do melhor preço. E aposenta o *ser* como algo démodé e falho. O ser é postulado como o conjunto das posses. O ter é postulado como o ser. **Conclui-se que quem não tem, não é.**

Assim como a reflexão interna, do raio de sol aprisionado na caixa de espelhos que é o corpo, receptáculo de uma alma em sua manifestação de vontade. Assim existe um receptáculo também para a reflexão externa uma caixa manufaturada de espelhos contendo um raio de sol que refletido a todo o tempo em todas as faces e angulos ocupa o espaço e recebe o nome de sociedade.

O conjunto de *outros* todos mais o *eu*, chamado sociedade, não refletirá nunca a mesma energia que vibra na reflexão interna. *Essa é única para cada indivíduo*. Enquanto a reflexão externa é geral, de todos os *outros* e o *eu*, pelo fato de estarem contidos/serem parte dela. Ela é uma por ter a todos em seu raio e como seu raio.

A caixa de espelhos nomeada sociedade não traz em sua *identidade do sucesso* a semente da *identidade do sucesso* projetada pelo eu. Ela traz a *identidade do sucesso* resultante do conjunto de um conjunto de indivíduos. Equalizada as dissonâncias pela necessidade da existência de uma escala única para mensuração.

No que tange a identidade do sucesso como a figura da realização, nunca o ser-humano conseguirá medir-se pela externa de maneira satisfatória, provocando o vazio e o eco de suas falhas. Tampouco o ser-humano consegue medir satisfatoriamente com sua medida interna, mas esta, sendo somente sua, é afetada pelas mudanças do indivíduo e o eu se permite equalizar utilizando suas vontades como diapasão.

O dilema ganha mais tonalidades a medida que a equalização externa ocorre e fere a *identidade do sucesso* do *eu*. E quando o vazio e o eco se aproximam de suplantar a caixa de espelhos, tomando seu lugar. Eis que a manifestação da vontade, a pária, se ouve em um grito desesperado ecoando no peito. Transbordando o efeito da equalização para o outro numa inauguração da época chamada **Depois da vontade da posse**, que não se inclui aqui como um momento vindouro já que tudo aquilo que vem não chega de imediato, mas o faz com o vagar que permite a sua própria fortificação e embasamento.

Esse momento vindouro que permeia o agora numa porcentagem desconhecida(não sabemos quanto de agora é o futuro) é o ponto de virada novo, que o *eu* aguarda com pernas inquietas, enquanto trabalha para possuir a casa, o carro e todos os outros símbolos **incompletos** da atual *identidade de sucesso*.

Eu a projeto como uma caixa de vidros e espelhos cujo raio de luz de sol se compõem de 70% de tudo(seja o que tudo for) do *Antes do momento de posse* e 30% de uma nova identidade de sucesso, baseada numa velha identidade que abarcava a realização pessoal e *íntima* como a medida simples da realização de uma vida que não precisa de escalas para comparação.

Eis ai a ressurreição do belo, do prazeroso, do imensurável e do *único*, todos dentro do cubo de espelhos e também agora de vidros. Representação do *eu*.